

6 - Da resistência a uma literatura por vir

Começamos estas páginas delimitando o espaço da microficcão através da especificação das diferenças e semelhanças com outros gêneros, por meio das ressonâncias que deles se percebem na linguagem e estrutura desses breves relatos. Contudo, mesmo acreditando que estas pequenas narrativas são como a ponta do iceberg de uma literatura por vir, continuamos nos perguntando se elas são ou não um gênero menor. No sentido de serem textos que buscam esvaziar outros textos numa língua mínima para preenchê-los de novos significados. Desterritorializando-os para, em seguida, provocar o seu próprio esvaziamento ao serem vinculados e, portanto, recontextualizados com outras histórias mínimas. Achamos que sim. A essência da microficcão, se é que ela tem alguma, é a da rescrita permanente, a de encontrar mais uma oportunidade para a fabulação, para contar mais uma vez uma outra versão daquele relato em que as vozes velhas se fundem com novas nuances.

A microficcão de forma divertida e descontraída está sub-repticiamente dando uma batalha, está buscando fendas por onde dialogar em pé de igualdade com o cânone, com a tradição e com uma forma determinada de perceber-nos no mundo. É por isso que ao apresentar a microficcão como uma manifestação nova da literatura e da linguagem o fazemos a partir da noção de resistência e não de ruptura. No movimento de inversão que produz o tratamento humorístico sobre a condição humana e a literatura, na operação de sacralização e dessacralização que realiza sobre os relatos “míticos” e clássicos através da paródia, no processo de continuidade e descontinuidade que lhe é inerente por tratar-se de uma escrita vinculada ao fragmento e no perpétuo movimento dialético e de dramatização que se encontram no contar e descontar que tornam evidente a ausência da obra na presença tácita das histórias de antigos personagens produz-se a resistência da microficcão a uma determinada postura de ver a literatura e o mundo. A resistência não é somente oposição a uma ordem dominante, implica também a possibilidade de transformação e de diálogo. Nesse movimento aliam-se autor, texto e leitor para preencher esses significados ausentes, provocando uma alteração definitiva tanto do texto como do receptor ao realizar-se uma substituição do discurso, como a chama Lagmanovich (2006), na qual a compreensão do texto se realiza num nível diferente do habitual.

Nessas resistências cristaliza-se a desterritorialização do texto e também do imaginário do leitor ao entrar em jogo diferentes linhas de revelação. Reação que a microficcão escolhe realizar de dentro do sistema e da palavra, a não hierarquização dos relatos, fragmentando-os para assim criar uma nova força ou energia que nos lembre da experiência de viver a literatura de uma outra forma. Um outro tipo de relato que, aliás, já existia em camadas mais profundas da narrativa mas que somente agora conseguimos enxergar.

Há relativamente pouco tempo que os livros de microficcão propriamente ditos obtiveram notoriedade no mercado editorial. Apesar disso, eles ganharam até agora um público seletivo e observa-se cada vez mais uma demanda crescente por esse tipo de narrativa por parte dos leitores que gostam desse gênero por encontrarem nele uma espécie de síntese de um estilo que caracteriza o nosso tempo, o qual se manifesta na publicação constante de coletâneas que resgatam os trabalhos de autores reconhecidos. Talvez isto se deva ao fato de que nesses breves textos confluem uma forma de promover e difundir uma corrente de pensamento de celebrar a natureza da escrita na artificialização e na mistura de gêneros, mas que também estão em consonância com o tempo em que vivemos. A época da multiplicidade e velocidade de imagens e informações que nos atingem sem que possamos processá-las por inteiro, da falta de tempo, da necessidade de uma frase ou de uma palavra que nos emocione sem precisar recorrer a textos longos porque no cotidiano temos pouco espaço para o “ócio criativo”, para a contemplação de nós mesmos e do outro através da literatura.

A microficcão parece resistir a tudo isso cativando-nos, assim como o fazem a beleza dos fractais, e provocando-nos a perder-nos no infinito dos labirintos da imaginação e do pensamento para finalmente reencontrar-nos na fugacidade das lembranças e nos flashes das novas associações que se produzem a partir desses textos. Estas diminutas partículas narrativas apresentam-nos o passado por meio do esvaziamento e da fabulação das histórias canônicas, mostram-nos o presente na brevidade e velocidade que caracterizam a nossa era, e fazem-nos intuir a literatura por vir nessa sutil e, ao mesmo tempo, abrangente apreensão da natureza, das pessoas e do todo. Na turbulência da microficcão dá-se a grandeza da palavra. Pois, como diz Shua, ela nos resgata desse caos em que vivemos permanentemente, criando para nós a ilusão de que habitamos um cosmos através da convenção da linguagem. Contudo, a palavra é generosa, ela nos devolve a esse caos iluminando as nossas incertezas, abrindo fendas por onde possamos enxergar algumas poucas certezas. A certeza do

fugaz, do múltiplo, desses murmúrios, desse tempo outro e desse absurdo que habita em nós. A certeza de que não há uma só forma de contar as coisas, de que há infinitas histórias em cada relato e que cada uma delas conserva sempre as bordas imanes da narrativa.

Da grande quantidade de escritores que desfrutaram da escrita de textos mínimos na América Latina, escolhemos a obra de três autoras pela afinidade de interesses literários para empreender esta jornada como uma tentativa de compreender melhor o que há por trás da microficcão. Poderíamos ter escolhido outros, gerando assim novas séries variáveis de análise assim como também novas constelações. Todas elas possíveis. Achemos interessante a idéia de realizar entrevistas com as escritoras para montar uma espécie de diálogo fragmentado entre elas sobre um gênero que as motiva e agrupa, e também como uma forma de nos aproximar a partir de mais um outro ângulo de suas obras sem misturá-las diretamente com o nosso discurso sobre a microficcão. Até agora os estudos sobre este gênero na América Latina centraram-se nos trabalhos realizados na língua castelhana, mas acreditamos numa necessária integração de escritores brasileiros à análise para assim incorporar novas perspectivas de estudo destes textos. Poderia-se pensar nos trabalhos de, por exemplo, João Gilberto Noll (*Mínimos, múltiplos, comuns* (2003)) ou nas histórias mínimas e de linguagem enxuta que se encontram na obra de Dalton Trevisan ou até em algumas narrativas breves e dispersas entre autores mais novos. No entanto, este será, está claro, um outro âmbito de discussão.

Das tantas variáveis possíveis para abarcar a escrita destas pequenas narrativas escolhemos somente aquelas que nos ajudaram a indagar o porquê do surgimento da microficcão nesta nossa contemporaneidade. Ficam ainda veias abertas. Talvez um estudo mais pormenorizado do que representa o fragmento para nossa era, da virada da noção violenta de ruptura e de violência a partir da qual sempre foi compreendido para passar a apreendê-lo como uma parte que constitui o todo e que tem, ao mesmo tempo, gravado em si esse todo.

No entanto, assim como a microficcão voga por uma relação horizontal e democrática dentro da literatura, pode haver outras perspectivas a partir das quais se pode analisar esse *mot juste*, essa economia de palavras que interliga relatos num movimento ininterrupto. Acreditamos que a microficcão, assim como o contexto em que ela se originou, não representa ainda uma mudança de paradigma. Mesmo que ela tenha chegado para ficar, pensamos que é simplesmente o embrião de uma literatura por vir. Uma literatura cada vez mais fragmentária e, por que não, também

mais profunda. Uma escrita que se aproxima ao essencial e que se desliga dos detalhes da superfície, daquilo que sobra, para concentrar-se em atravessar-nos como uma seta certa na espessura da nossa natureza. Tudo tem a ver com uma questão de lente, do prisma com o qual vemos as coisas. Assim como há pouco tempo não éramos capazes de enxergar as imagens fractais, tampouco víamos as bordas dos textos mínimos nas obras de maior porte. Somente alguns poucos escritores visionários conseguiram distinguir nas profundezas o poder oculto do mínimo.

O nosso tempo está traduzido no sucinto da microficcão, agora resta ver os novos meandros que esta literatura irá tomar para recriar novas cosmogonias. Uma literatura que como nos diz Calvino, “... só pode viver se se propõe objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização. Só se poetas e escritores se lançarem a empresas que ninguém mais ousaria é que a literatura continuará a ter uma função” (2006:127). Uma literatura que explora na multiplicidade toda a sua potencialidade a partir do mínimo que se dissemina e se dissipa.